

MOITA

O topónimo Moita deriva do arbusto "moita", que se observa com abundância no ecossistema que constitui o Pinhal do Rei. Tal como a maioria dos restantes habitantes da região que constitui atualmente o concelho da Marinha Grande, também os primeiros habitantes da Moita ter-se-ão aqui fixado no reinado de D. Dinis (1279 – 1325) para ajudar a sementeira do Pinhal do Rei. A aldeia da Moita terá nascido por volta do ano de 1500 e constituía uma vintena.

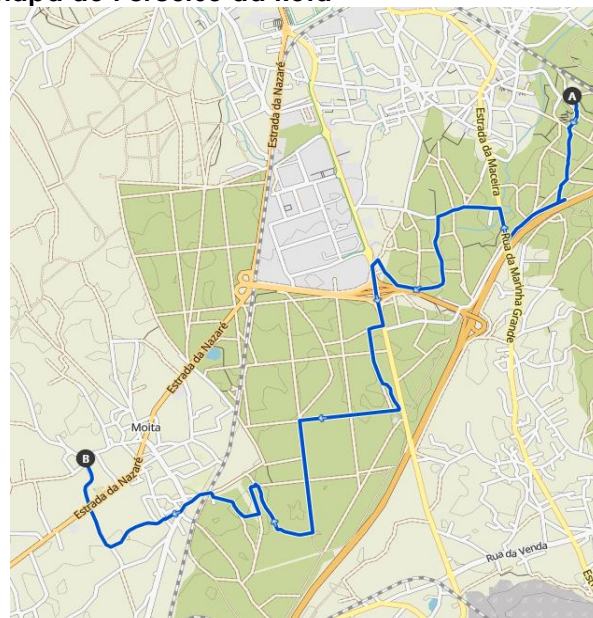
A povoação acabou por perder o estatuto de vintena em meados do séc. XVIII e, sob o jugo administrativo dos monges de Cister, passou a pertencer à Junta da Paróquia de Pataias do concelho de Alcobaça, apesar da proximidade com a freguesia da Marinha Grande. A sua população trabalhava na indústria vidreira, entretanto instalada na Marinha em 1748. Foi este desenvolvimento da região que levou o Ten. Coronel de Eng. Wernhagem, Administrador Geral das Matas do Reino, a sugerir às mais altas instâncias a elevação da Marinha Grande à categoria de concelho. Assim, em 1836 formava-se o novo concelho de que faziam parte as seguintes freguesias: Marinha Grande, Vieira de Leiria, Carvide, Monte Real, Maceira e o lugar da Moita, desanexado, entretanto, de Pataias. Contudo, dois anos depois, em 1838, o concelho da Marinha Grande era extinto e o lugar de Moita voltava para a jurisdição de Pataias.

A 19 de abril de 2001 os protestos e exigências dos moitenses são, finalmente, atendidos na Assembleia da República, ficando a Moita a pertencer oficialmente ao concelho da Marinha Grande desde o dia 12 de julho de 2001.

Webgrafia/Bibliografia:

Azambuja, J. R. (1998). Cidade da Marinha Grande – subsídios para a sua História. 2ª edição. CMMG
Custódio, Jorge (26-09-2024). Estrada dos Guilhermes. N/publicado JFMG (1992). Conheça os Lugares da Marinha Grande – Sua História. JFMG
Maduro, António (2017) Cadernos de Estudos Leirienses
https://www.cm-mgrande.pt/pages/954?poi_id=6
<https://pinhaldorei.net/historias-personagens/caminho-de-ferro-americano/#jp-carousel-961>
<https://www.icnf.pt/api/file/doc/data1b1a68c28d59>

Mapa do Percurso da Rota



Allimetria

2 km 4 km 6 km 8 km 10 km



Percurso: Rota «Saltinho à Lebre

Distância: 10 Km

Duração: 3 horas

Dificuldade: Média

Piso: Arenoso e Alcatroado

Ponto de Partida / Chegada: Campo do Tojal/Campo de futebol da Moita



Mapa do Percurso



Track do percurso

Contactos Úteis:

Município da Marinha Grande - 244 573 300

Junta de Freguesia da Marinha Grande – 244 575110

Junta de Freguesia da Moita - 244 569 541

Bombeiros Voluntários da M. Grande - 244 575 110

ROTA «SALTINHO À LEBRE»



UM SALTINHO À LEBRE

27 OUT '24 . 09H30

Distância: 10 Km

Dificuldade: Fácil

Piso: Arenoso/ alcatroado

Partida: Campo de Futebol "Os vidreiros" – Tojal Picassinos

Chegada: Campo Futebol GD Moitense – Moita

Duração: 2H30

Concentração:

09H00 Arquivo Municipal

09H30 Campo de Futebol "Os vidreiros" – Tojal Picassinos



Organização



Município da Marinha Grande

Divisão de Desporto, Juventude e Associativismo

Apoio:



Junta de Freguesia da Marinha Grande



Junta de Freguesia da Moita

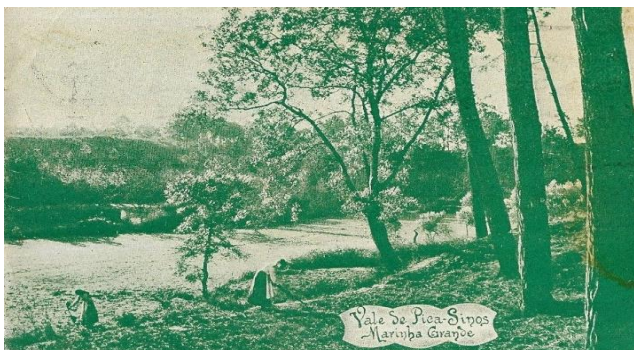
Descrição da Rota

A Rota «Saltinho à Lebre», é um percurso linear que percorre os limites exteriores do concelho da Marinha Grande, entre o campo do Tojal de Picassinos (Vidreiros) e o campo de futebol das Figueiras na freguesia da Moita.

PONTOS DE INTERESSE

Picassinos

«Um dos mais antigos, - se não o mais antigo! - dos núcleos populacionais dos lugarejos e pequenos casais que deram origem aos primitivos casais da marinha, o lugar de Picassinos, enraíza as suas referências documentadas já pelo ocaso do século XV, à semelhança de outros pequenos casais disseminados pela orla do pinhal de Leiria, cuja origem, remota, estará ligada ao repovoamento cristão do litoral marítimo do termo de Leiria e às sementeiras e arroteamento de terras ao redor do pinhal. (...)



(...)Com vincadas características rurais, mesmo no contexto industrial da Marinha Grande dos séculos XVIII e XIX, características essas ainda mantidas até há bem pouco tempo, o lugar de Picassinos está localizado numa situação topográfica privilegiada, estendendo-se pelo planalto e vertentes de um pequeno outeiro sobranceiro à planície do principal povoamento do Concelho, no caminho de ligação da Marinha para a Maceira e casais ao redor, como a aldeia das porcarissas, (actual Pocariça) ou o desaparecido casal da marinha, nas cercanias do actual Vale da Gunha, povoações que chegaram a deter relativa importância no contexto económico e no povoamento regional, graças às suas produções agrícolas.»

In « PICASSINOS E O SEU CONTEXTO MARINHENSE »

Estrada do Guilherme

De acordo com Jorge Custódio a «Estrada do Guilherme», de que existem vestígios ainda hoje, refere-se a uma infraestrutura de comunicação terrestre que foi mandada construir por Guilherme Stephens (1736-1803), em cerca de 1794 para servir os seus interesses comerciais. Dado que era uma estrada financiada por uma entidade privada começou a ser designada por Estrada do Guilherme, embora o negociante e industrial inglês lhe desse um fim público, pois não se conhece que alguém nela pagasse portagem.

Caminho de Ferro Americano

“Com o propósito de incrementar a exploração do Pinhal de Leiria e fazer crescer a riqueza nacional, o governo decidiu criar uma via circulante de 36 km que ligava Pedreanes ao porto de S. Martinho. Garantia-se, assim, uma porta de embarque permanente às madeiras em toro ou serradas da mata, ultrapassando as limitações objetivas da costa brava. A tração dos vagões era efetuada com o recurso a gado bovino, estabelecendo-se, para o efeito, contratos com carreiros. (...) Pretendia-se, de facto, com esta obra otimizar a exploração da mata

CAMINHO DE FERRO AMERICANO
Dos Pinhaes de Leiria
ao Porto de S. Martinho

A COMEÇAR no dia 1 de setembro, e findando em 31 de outubro, passará a ser diários para passageiros, os comboios d'este caminho de ferro.

Partindo

ASCENDENTE	DESCENDENTE
De Pedreanes às 7 h e 45 m. da manhã.	De S. Martinho às 8 h. e 30 m. da manhã.
Da Marinha às 8 h. e 30 m. da m.	Do Vallado às 11 h. e 45 m. da m.
Da Martingança às 10 h. e 35 m. da m.	Da Martingança às 3 h. e 45 m. da t.
Do Vallado às 11 h. e 45 m. da m.	Da Marinha às 4 h. e 20 m. da t.

Secretaria do caminho de ferro americano, no Vallado, em 23 de agosto de 1877.

O chefe do movimento
Alfredo Porphyrio Ferreira.

N.B. João Rei, de Leiria, estabelece carreiras de diligencias á partida e chegada dos comboios, de Leiria para a Marinha e do Vallado para a Nazareth

valorizando os seus paus que, a partir do porto de S. Martinho, poderiam exportados abastecendo diversos estaleiros, contrariando a saída de divisas com a importação de madeiras”.

A circulação deste comboio fazia-se todos os dias úteis da semana. Demorava de Pedreanes a S. Martinho do Porto cerca de seis horas e no sentido inverso oito horas.

Mata Nacional Casal da Lebre

Quando Guilherme Stephens aceitou o restabelecimento da Fábrica de Vidros da Marinha (activa entre 1747 e 1767), resolveu partir para o lugar da Marinha para por a funcionar a fábrica velha da Companhia de Mercadores Ingleses, diretamente administrada por John Beare. Para conseguir atingir os seus objetivos e pagar o empréstimo real de 32 contos de réis, comprou diversas propriedades na Marinha Grande, a Quinta da Fábrica, uma propriedade de John Beare, fez o aforamento do Casal da Mata e comprou o Casal da Lebre (22 de Novembro de 1769), entre outras, tornando-se o maior proprietário do lugar da Marinha. Como era um súbdito inglês, ficou expresso no alvará de 1769, uma cláusula onde se determinava as condições que o Estado lhe concedia para a aquisição de propriedades portuguesas.

O Casal da Lebre tinha 468 hectares. Foi adquirida a uma moradora de Leiria, Maria Thereza. Os documentos da compra podem ver-se na obra de Carlos Barros, publicada em 1969, ano do II Centenário da Fábrica de Vidros. Esta propriedade que serviu a economia da Quinta da Fábrica de Stephens, passou mais tarde para os bens nacionais entregues pelo testamento de João Diogo Stephens (1826) e, posteriormente, foi integrada nas Matas Nacionais do Pinhal de leiria, tal como o Casal da Malta, também legado de João Diogo Stephens.

A Mata Nacional do Casal da Lebre (MNCL) estende-se por 370 hectares e está arborizada numa superfície de 281 hectares, tendo como espécie principal o pinheiro-bravo (que ocupa 76% da área da Mata), sendo a restante área ocupada com folhosas diversas que existem ao longo das linhas de água e dos caminhos.